

**AS REPRESENTAÇÕES DO TEMPO ESTOICO ROMANO NAS CARTAS DE  
SÊNECA A LUCÍLIO (SÉCULO I d.C.)**

**THE REPRESENTATIONS OF THE ROMAN ESTOIC TIME ON THE LETTERS OF  
SENECA TO LUCILI (CENTURY I A.D.)**

47

Fabrcio Dias Gusmão Di Mesquita  
Mestrando em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da  
Universidade Federal de Goiás. Bolsista pela Fundação de Amparo à Pesquisa de  
Goiás (FAPEG)  
[professorfabriciomesquita@gmail.com](mailto:professorfabriciomesquita@gmail.com)

**Resumo:** O texto a seguir apresenta um breve olhar investigativo sobre o tempo estoico romano e suas representações nas Cartas de Sêneca direcionadas a um membro da ordem equestre conhecido por Gaio Lucílio Júnior. Sêneca foi um grande pensador romano que atuou política e filosoficamente nos principados de Cláudio e Nero durante a dinastia Julio-Claudiana na primeira metade do século I d.C. Pensar o tempo histórico é um dos grandes desafios presentes na historiografia contemporânea, o que nos levou neste estudo a refletir como o tempo em uma filosofia da Antiguidade foi pensado, representado, ensinado e internalizado pelos estoicos. Para Sêneca todo o universo era formado por uma razão cósmica. Nos escritos senequianos prevaleceram temas voltados para a formação moral do sábio, cuja vida deveria ser organizada pela prática dos princípios éticos do estoicismo. Ser sábio estava condicionado ao combate de todas as paixões humanas e os vícios da imoralidade que distanciavam o homem de uma vida virtuosa e harmonizada com o cosmos. O destino era determinado pelo desdobrar da razão no tempo existencial dos homens. Sêneca buscou em sua filosofia direcionar Lucílio para o uso da razão no presente, combatendo as dores do passado ancoradas na memória e no medo de um fim catastrófico projetados em acontecimentos no futuro.

**Palavras-chave:** Tempo, estoicismo, representação.

**Abstract:** The following text presents a brief investigative look at Roman Stoic time and its representations in the Letters of Seneca directed to a member of the equestrian order known as Gaio Lucílio Júnior. Seneca was a great Roman thinker who acted politically and philosophically in the principalities of Cláudio and Nero during the Julio-Claudian dynasty in the first half of the first century AD. Thinking about historical time is one of the great challenges present in contemporary historiography, which led us in this study. to reflect how time in a philosophy of antiquity was thought, represented, taught, and internalized by the Stoics. For Seneca the whole universe was formed by a cosmic reason. In the Senecan writings, themes focused on the moral formation of the wise, whose life should be organized by practicing the ethical principles of Stoicism. Being wise was conditional upon the combat of all human passions and the vices of immorality that distanced man from a virtuous life harmonized with the cosmos. Fate was determined by the unfolding of reason in the existential time of men. Seneca

### **Building the way**

sought in his philosophy to direct Lucilius to the use of reason in the present, combating the pains of the past anchored in memory and fear of a catastrophic end projected on future events.

**Keywords:** Time, Stoicism, Representation.

### **Considerações iniciais**

48

A Antiguidade Clássica ainda se apresenta como um dos principais períodos da História onde muitos pesquisadores buscam conhecer a mente humana e as formas de representações criadas pelas culturas acerca do tempo. Filósofos na História Ocidental como Aristóteles, Santo Agostinho, Kant, e tantos outros, deixaram teorias que ainda nos leva a querer compreender o que é o tempo. O presente estudo não foge a regra e se volta para a riquíssima obra de Lúcio Aneu Sêneca, um aristocrata romano no século I d.C. que pensou sobre o tempo como elemento físico determinante da existência humana (tempo da *physis* cósmica) integrado aos princípios filosóficos da ética da *stoa*.

O estoicismo surgiu em Atenas no séc. IV a.C. com Zenão de Cício, durante o período helenístico. Zenão fundou sua escola filosófica em um local conhecido como o Pórtico das pinturas ou *Stoa Poikilé*, espaço que anteriormente era utilizado para a prática de pinturas originando o nome de sua filosofia, o estoicismo. Para os estoicos toda a existência humana deveria ser fundamentada na prática do saber filosófico, alcançando assim uma vida virtuosa. A filosofia do pórtico tinha como objetivo levar o homem a viver de acordo com as leis universais da Natureza para se obter a paz de espírito (*ataraxia*).

Tal princípio era estruturado pela razão cósmica que transformava a filosofia no saber responsável em conduzir o homem a uma vida sábia e livre das paixões humanas. Tudo o que afastasse o sábio de uma vida virtuosa era considerado como irracional, pois sem a mediação da razão, a alma era marcada pelas paixões (*patos*), o que provocaria no homem uma perturbação em seu ser. Vícios como o desejo desenfreado pelas riquezas, o sexo desregrado, a violência e a corrupção política, bem como as dores da alma desencadeadas pela perda de um ente querido que pudesse levar o indivíduo ao desespero ou a preocupação excessiva com a morte eram exemplos de como o sofrimento humano era causado pelo movimento irracional

### **Building the way**

da alma sem a mediação filosófica da razão universal e que não possuíam valor ético e moral.

### **Análise**

49

No período helenístico o homem deixaria de ser guiado pelos princípios democráticos norteadores da polis ateniense para ser um cidadão universal da Cosmópolis, inserindo-se em um destino (*heimarméne*) já determinado pela razão universal estoica. Tradicionalmente a filosofia da *stoa* foi dividida na História em três grandes momentos: o Estoicismo Antigo, o Estoicismo Médio e o Estoicismo Imperial. Os estoicos investigavam a Natureza de acordo com os princípios da Lógica, da Física e da Ética. Sabe-se que nos séculos II e I a.C., com o Estoicismo Médio, os estoicos chegariam a Roma através dos laços de amizade entre Panécio de Rodes e Cipião Emiliano, grande general romano que lutou durante as guerras de Roma contra Cartago (BRUN, 1986, p.21).

Geza Alföldy destaca que anterior à expansão romana e às Guerras Púnicas do período republicano, a sociedade romana tinha como regras de comportamento as tradições religiosas da nobreza patrícia denominada de *mos maiorum*. Essas regras enalteciam os grandes feitos dos antepassados romanos e garantiam um sentimento comum que agia como fator de coesão da sociedade romana. Era a aristocracia que determinava quais regras morais deveriam relacionar os homens com os deuses. (ALFOLDY, 1989, p.51).

Com o passar do tempo, o *mos maiorum* deixaria de ter o significado de coesão do povo romano, sobretudo para muitos dos novos ricos que exerciam a atividade comercial e tinham como ambição a ascensão política das magistraturas romanas. (ALFOLDY, 1989, p.77). O período que inicia o Principado de Augusto em 31 a.C., estendendo-se até o governo dos Antoninos em 192 d.C., passou para a História como a época da *Pax Romana*. Gonzalo Puente Ojea destaca que este período foi marcado por conflitos nas fronteiras do Império e por problemas que envolviam a sucessão no trono. (PUENTE OJEA, 1974, p.167).

Lúcio Aneu Sêneca (1-65 d.C.) nasceu na cidade de Córdoba, capital da Bética, mudando-se para Roma com sua família ainda criança. Em Roma completou sua formação estudando disciplinas como Gramática, Retórica e Filosofia. Em seu

### **Building the way**

*cursus honorum* (carreira política romana), Sêneca chegaria ao Senado e participaria diretamente dos governos dos Imperadores Cláudio e Nero. No principado de Cláudio, o filósofo romano seria condenado ao exílio após se envolver em um possível adultério e intrigas palacianas cuja conspiração lhe custou uma condenação de oito anos na ilha de Córsega.

O estoico romano apenas retornaria a Roma após um convite da segunda esposa de Cláudio, Agripina, com o objetivo de se responsabilizar pela educação filosófica e formação política do jovem Nero (OMENA, 2004, p.64). As *Cartas a Lucílio* foram escritas por Sêneca durante a última fase de sua vida (63-65 d.C.). Sêneca se afastaria da vida política para dedicar-se mais aos trabalhos filosóficos. O destinatário das *Cartas* deixou-nos informações exíguas a seu respeito. Gaio Lucílio Júnior era natural de Pompeia, a famosa cidade da Península Itálica que foi arrasada pela erupção do Vesúvio (79 d.C.). Lucílio desempenhava a função de *procurator imperial* na Sicília e de acordo com as fontes históricas pertencia a classe dos cavaleiros romanos (*equites*).

O leitor das cartas senequianas, ao entrar em contato com a escrita do filósofo cordobês, percebe gradativamente como Sêneca apresenta os princípios filosóficos do estoicismo nos campos da Ética e alguns pontos da Física estoica. Sêneca não se prendia tanto aos aspectos da Lógica e descartou de forma imediata se prender em “jogos” de palavras que não produziam uma vida virtuosa, mas o mero aguçar do raciocínio. Nesse sentido, Sêneca convidou seu discípulo a abandonar os vícios promovidos pela ambição das magistraturas romanas e a corrupção moral que marcava a época do Principado de Nero. O intuito senequiano e seu esforço de livrar Lucílio deste tempo imoral, tempo dos excessos das paixões e ambições humanas, demonstram como o filósofo estava preocupado em se distanciar de Nero e levar Lucílio para o mesmo caminho de dedicação ao *otium* filosófico.

Contudo, como despertar em Lucílio o desejo pela vida filosófica longe das riquezas proporcionadas pela vida política romana? Sêneca apresenta em suas *Cartas* um vasto cabedal de exemplos morais que levariam seu discípulo a renunciar a vida pública ensinando o mesmo a reivindicar o tempo existencial guiado pela razão estoica. “Viver de acordo com a natureza”, eis o lema máximo dos estoicos. Seria necessário aceitar os desígnios da *heimarmene* (*fatum*), o destino humano já

### **Building the way**

determinado pela razão estoica ordenadora do universo para se tornar assim um sábio.

Nesse sentido, para uma melhor compreensão do tempo estoico representado nas *Cartas a Lucílio*, faz-se necessário apresentar uma breve discussão sobre os aspectos teóricos do estoicismo. Para Jean Brun, os estoicos adotaram inicialmente a ideia de Heráclito de Éfeso, um antigo pré-socrático do século VI a.C., na qual todas as coisas eram formadas por um fogo artífice. Daí considerarem que o *logos* universal era um fogo demiurgo de toda a realidade. Viver de acordo com as leis da natureza era viver conforme a ordenação dada à realidade pela razão. (BRUN, 1986, p.48). O mundo dos estoicos não era governado por um deus, mas era ele mesmo o próprio deus e o destino, ligando entre si os acontecimentos do universo. Os estoicos entendiam o destino como uma série irreversível de causas da ordem natural das coisas, o indissolúvel nó que ligava os seres, o *logos* segundo o qual as coisas passadas aconteceram, as presentes acontecem e as futuras iriam acontecer. (REALE, 2002, p.316).

Caberia a Lucílio praticar os ensinamentos estoicos para se atingir uma vida virtuosa. A conduta moral era alcançada através da representação de toda realidade no espírito do indivíduo. Segundo a teoria estoica, havia uma parte diretiva da alma (*hegemonicon*) que se conformaria com a razão universal tornando-se parte do fluxo do destino cósmico. Tais representações seriam corretas desde que as mesmas não causassem nenhum tipo de perturbação interna no indivíduo. Para Sêneca, cabia aos sábios a função de direcionar os discípulos no exercício constante de se praticar a virtude, as ações corretas, que livrariam os mesmos de representações erradas, ou aquilo que os estoicos denominavam de paixões.

Ao se representar a realidade na alma através da filosofia estoica o indivíduo seria capaz de viver em paz, mesmo que os acontecimentos cotidianos demonstrassem o contrário. Os princípios da ética estoica senequiana eram os degraus necessários para que Lucílio representasse em seu espírito as leis universais da *physis*. Ao representar essas leis em sua alma, Lucílio exercitaria a sabedoria e se afastaria de sentimentos que causavam a perturbação interior, e conseqüentemente, uma vida irracional. Sentimentos como o medo, a esperança, o ódio e tantos outros, estariam localizados nas lembranças ancoradas em memórias sobre o passado irracional ou na expectativa de um futuro que poderia ocorrer de acordo com

### **Building the way**

prelúdios catastróficos. Somente com o tempo presente, interpretado pela filosofia estoica, seria possível se adequar ao destino e não sofrer com os infortúnios da vida. Na carta 5, Sêneca destaca à Lucílio o perigo de um passado e de um futuro mediados pela tortura do medo. Nas palavras do filósofo:

As feras fogem aos perigos que veem, mas assim que fugiram recobram a segurança. Nós tanto nos torturamos com o futuro como com o passado. Muitos de nossos bens acabam por ser noviços: a memória reatualiza a tortura do medo, a previsão antecipa-a, apenas com o presente ninguém pode ser infeliz. (*Carta 5, 9*).

O gênero epistolar é um tipo de escrita que foi usado por Sêneca em suas teorias. Este estilo literário proporcionou ao filósofo romano maior liberdade de exposição da filosofia estoica para que Lucílio compreendesse seu tempo e o tempo do destino. Nas *Cartas a Lucílio* é notório o uso de imagens por Sêneca sobre o destino e o tempo estoico. Acreditamos que tais imagens compunham o imaginário romano criando representações verbais de imagens sobre acontecimentos, personalidades filosóficas e políticas, mas também de grupos sociais menos favorecidos como os dos escravos, das mulheres e os estrangeiros. Segundo José D'Assunção Barros, a História do Imaginário estuda essencialmente as imagens produzidas por uma sociedade, não apenas visuais, mas também as imagens verbais. (BARROS, 2004, p.91).

François Laplantine define que o processo do imaginário mobiliza as imagens primeiras, como homens e cidades conhecidas, para posteriormente libertar-se delas e depois modificá-las. Como processo criador, o imaginário reconstrói e transforma o real (LAPLANTINE, 2003, p.26). Nossa hipótese central nesta pesquisa é de que o tempo em Sêneca é representado em sua escrita epistolar como um conjunto de imagens verbais que exemplificam a filosofia estoica e a *virtus* romana para que Lucílio não se perturbasse com as dores desencadeadas pela memória do passado irracional e as angústias produzidas pela expectativa de acontecimentos catastróficos num futuro próximo. Na carta 78, o filósofo ressalta a imagem de um médico que prescreve os remédios contra as dores produzidas pelos enganos do destino:

O remédio que eu, por minha parte, te receito é válido não apenas para a tua doença, mas para toda a tua vida: despreza a morte [...] Em meu entender, há que por termo às lamentações por dores passadas

**Building the way**

[...]. O que é que se ganha em ressentir os sofrimentos passados [...]. Há portanto, dois sentimentos que devemos eliminar decididamente: o medo do futuro e a recordação da desgraça já passada. (*Carta 78, 5-15*).

Sêneca reafirma a Lucílio sua preocupação com fatos do passado e prováveis acontecimentos do futuro que sem a mediação da razão estoica perturbariam a alma do discípulo:

Guarda no teu espírito esta imagem: a fortuna brinca com os homens, [...] o espaço de tempo que nos é concedido nesta vida é curto, é mesmo ínfimo se compararmos à vida do universo [...]. A verdade é que nem o passado, nem o futuro estão presentes, pelo que não podemos sentir qualquer deles. (*Carta 73, 7-34*).

Seguir o curso do destino era viver o presente sem se preocupar com o futuro e culpar-se por fatos passados. Na carta 92, Sêneca afirma:

A virtude é um bem tal que nem dá conta dos insignificantes acidentes que são a brevidade da vida, a dor, as várias enfermidades físicas; o prazer não é coisa para que a virtude se digne sequer olhar. O mais importante na virtude é a sua independência em relação ao futuro, ou seja, a sua indiferença pelo cômputo dos dias. Por mais breve que seja o tempo ao seu dispor, ela leva à perfeição. (*Carta 92, 24-25*).

As palavras de Sêneca levam-nos a refletir como a virtude era marcada pelo exercício constante da sabedoria. Sendo o tempo de vida caracterizado por sua curta duração existencial, uma vida breve, Sêneca usa diversas imagens de personalidades da cultura greco-romana para despertar em Lucílio o desejo de se tornar um sábio:

Até sinto vergonha de usar contigo esta linguagem e de te confortar com conselhos tão banais. Um homem vulgar dirá: Talvez este mal não ocorra. Tu, porém, deves dizer: E se ocorrer, qual é o problema? Veremos qual de nós se deixará vencer! Talvez uma mal venha em meu benefício, talvez uma morte assim enobreça a minha vida. Foi a cicuta que deu grandeza a Sócrates! Tira a Catão o gládio com que assegurou a sua liberdade, e tirar-lhe-ás grande parte da sua glória! (*Carta 13, 14-15*).

Para se referir ao passado, Sêneca cita em sua escrita epistolar o uso da memória. Nas demais cartas é possível verificar que Sêneca não combatia o uso da memória, mas sim uma memória irracional, sem a presença da razão estoica

**Building the way**

direcionadora e responsável em levar o discípulo a uma vida equilibrada. A memória também poderia ser utilizada para se vencer o medo do futuro e os males vivenciados no passado. Para Sêneca a memória era um local na alma onde os preceitos morais deveriam ser guardados e ativados em todos os momentos. As lembranças de virtudes deveriam ser colocadas em prática exercendo assim a sabedoria conforme os desígnios do destino. Na carta 92, Sêneca afirma:

Sabes que é desonesto exigir fidelidade à tua esposa, e andar ao mesmo tempo a cortejar as mulheres dos outros; sabes que, se ela não deve ter amantes, também tu não deves ter “amigas”; mas não é assim que procedes. Por isso mesmo, tua memória deve ser avivada; não interessa que estes princípios lá estejam guardados, mas que estejam ativos. Todas as ideias salutares devem estar em movimento, em permanente atuação, de modo a serem para nós não só objeto de conhecimento, mas também de prática. (*Carta 94, 26*).

Sêneca buscou em suas cartas ultrapassar a ideia de se escrever um simples compêndio de exemplos morais. Sua intenção era a de transmitir regras que transformassem o homem em um sábio por excelência. Mesmo que tal sabedoria fosse inatingível, e os estoicos sabiam disso, era preciso se esforçar para se aproximar do ideal de sábio. A filosofia estoica não se baseava em objetivos meramente teóricos, mas buscava orientar o homem para uma vida prática, uma vida virtuosa e harmonizada com o cosmos. O filósofo corbodês ainda destaca que foi graças ao esforço de Lucílio que o mesmo pode elevar-se socialmente e politicamente na Ordem Equestre romana. Na carta 44, Sêneca demonstra o valor de seu discípulo ligando sua ascensão social com o êxito que poderia obter na filosofia e se tornar um sábio:

Tu és um cavaleiro romano, e foi graças a tua atividade que chegaste a essa ordem. Muitos há, todavia, a quem as catorze filas permanecem inacessíveis, nem todos têm entrada no Senado, até os quartéis escolhem com minúcia aqueles que são admitidos a participar nos duros perigos da milícia: a sabedoria, pelo contrário, está ao alcance de todos, para ela todos somos de nascimento nobre. A filosofia não rejeita nem elege ninguém: a sua luz brilha para todos. (*Carta 44, 2*).

Na carta 1, o estoico romano afirma a Lucílio que o tempo é algo que nos é tomado, e que é necessário aproveitar-se o máximo possível do tempo para se viver virtuosamente. Em suas palavras:

### Building the way

Procede deste modo, caro Lucílio: reclama o direito de dispor de ti, concentra e aproveita todo o tempo que até agora te era roubado, te era subtraído, que te fugia das mãos. [...] É um erro imaginar que a morte está a nossa frente: grande parte dela pertence ao passado, toda a nossa vida pretérita é já domínio da morte. Procede, portanto, caro Lucílio, conforme dizes: preenche todas as tuas horas. Se tomares nas mãos o dia de hoje conseguirás depender menos do dia de amanhã. De adiantamento em adiantamento, a vida vai-se passando. Nada nos pertence, Lucílio, só o tempo é mesmo nosso. A natureza concedeu-nos a posse desta coisa transitória e evanescente. (Carta 1, 1-3).

Nesse sentido, as cartas senequianas buscavam fornecer os princípios morais alicerçados na teoria estoica exemplificados em imagens sobre a memória, as expectativas do futuro e o tempo presente. Pensar a relação desta tríade nas epístolas de Sêneca apenas reafirma que o tempo histórico como conceito da História pode ser analisado e repensado nas culturas da Antiguidade Clássica em suas especificidades. Debate este que se abre a novas reflexões no seio da historiografia contemporânea e suas formas de representação sobre o tempo histórico.

### REFERÊNCIAS

ALFOLDY, Géza. *História Social de Roma*. Lisboa: Presença, 1989.

BRUN, Jean. *O estoicismo*. Lisboa: Edições 70, 1986.

LAPLANTINE, François & TRINDADE, Liana. *O que é Imaginário*. São Paulo: Brasiliense, 2003.

OMENA, Luciane Munhoz de. *O poder do imperador sob a perspectiva de Sêneca*. In: Revista Alpha, UNIPAM, Patos de Minas, 2004.

PUENTE OJEA, Gonzalo. *Ideologia e História – El fenómeno estóico en la sociedad antigua*. Madrid: Siglo XXI de España, 1974.

REALE, Giovanni. *História da filosofia antiga*. São Paulo: Loyola, 2002. v.3.

SÊNECA, L. A. *Cartas a Lucílio*. Trad. Pref. E Notas de J. A. Segurado e Campos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.